

**AS MINAS DE PRATA E O BALUARTE: O BRASIL COLÔNIA NO SÉCULO
XVII**

Palloma Morais Rocha (UEFS)

Prof.º Dr.º Adeitalo Manoel Pinho (UEFS)

RESUMO

Este artigo pretende colocar em discussão as representações culturais presentes nos romances históricos *As minas de prata* (1865) e *O baluarte* (1940), de José de Alencar (1829-1877) e Altamirando Requião (1893-1989), respectivamente. Ambos buscam retratar o Brasil colônia no século XVII, época marcada pelo espírito aventureiro e várias ameaças e invasões holandesas, espanholas e da Companhia de Jesus, principalmente. Dentro desta perspectiva, trazemos as manifestações do povo brasileiro frente uma época que sofria influências e dominações diretas da Europa. Alencar, considerado um dos percussores do nosso romance histórico Brasil, baseou sua ideia em um ideal nacionalista, que ganhou força com a independência do país e que buscava conhecer e valorizar manifestações tipicamente nacionais, com o principal intuito de criar os moldes de uma literatura nacional que seria amadurecida continuamente. Com a chegada do Modernismo o baiano Altamirando Requião se manifestou através da literatura brasileira, e como leitor e crítico do escritor oitocentista, afirmou que se equivocou ao trazer determinados personagens históricos com ocupações que não lhe cabiam, por exemplo. Portanto, propõe estudos sobre o romance histórico que trata das lendárias minas de prata, para dar continuidade aos estudos de Alencar, ratificando sua importância. O faz compondo *O baluarte*, que segundo ele é fiel à história e ao leitor, ideal que muito prezava. Para Said (1999), uma das melhores formas de se entender e interpretar o presente, é invocando o passado, já que é impossível isolar um do outro, assim, os estudos culturais se fazem cada vez mais necessários na pós-modernidade já que, segundo Hall (2003), com o advento da globalização a identidade do indivíduo entrou em crise, pois velhas identidades declinaram, acarretando no surgimento de outras. Tudo isto fragmentou ou descentrou o indivíduo moderno fazendo com que o conhecimento sobre si mesmo e o mundo que o cerca fosse modificado.

PALAVRAS-CHAVE: Representações culturais – Brasil colônia – século XVII

1. *As minas de prata e O baluarte: Representações culturais do povo baiano no século XVII*

Segundo Said (1993), a forma mais plena de se entender o presente é visitando o passado, já que pode existir a dúvida se o passado é mesmo passado ou se ainda existe de alguma forma. Assim sendo, é inviável pensar no presente sem invocar o que já aconteceu, e vice-versa. Um depende do outro para existir e coexistir, proposta de Eliot, presente em *Cultura e Imperialismo* (1995). Em outras palavras, “nem o passado, nem o presente, como tampouco qualquer poeta ou artista, tem pleno significado sozinho” (SAID, 1993, p. 35 e 36). Nesta obra, ele ainda traça e examina as formas usadas pelos pressupostos imperialistas para influenciar, ontem e hoje, na cultura do ocidente, concentrando-se em impérios ocidentais modernos dos séculos XIX e XX. Nele, ratifica inúmeras vezes que as culturas são interdependentes, quer queiram, quer não.

Para Said o termo “cultura” designa práticas como descrição, comunicação e representação, que possuem autonomia quando postas ao lado da economia, da política e do social, mas com o aspecto prazer sempre presente. Além disso, vê a cultura como uma rica fonte de identidade e de representação do imaginário coletivo.

Ainda no livro do crítico literário, ainda encontramos uma visão de cultura como um processo, e não como uma instância fixa e definida. O mesmo podemos perceber em *Da Diáspora* (2003), de Stuart Hall. Nesta há uma discussão sobre o conceito de diáspora e os efeitos que ela traz, tudo a partir do processo de construção da identidade cultural. Desta maneira, ao pensar neste termo é estabelecido um entendimento em que valores culturais estão diretamente ligados às mudanças acarretadas pelas migrações territoriais. Partindo deste pressuposto as identidades culturais nada mais são que reflexo das experiências históricas vividas, resultando no que realmente somos.

“As identidades culturais provém de uma parte, tem histórias. Mas, como tudo o que é histórico, sofrem transformação constante” (HALL, 2003, p. 69). Além disso, Stuart Hall fala do processo de cultura imposta, como forma de controle. Neste caso, há uma rendição a um conhecimento, para garantir a dominação e impor vontades.

As questões que envolvem o processo cultural é sempre atemporal, incompleta e imutável, já que liga o passado e o presente, fortalecendo um laço direto. Tais ideias foram defendidas por Hall e Said, pois os dois acreditavam que as culturas não são

puras. Também propõem não ser possível determinar a origem da identidade cultural, nem um final absoluto.

Dado o caráter complexo da cultura, partamos para os romances históricos que são objeto de estudo neste artigo. São eles *As minas de prata* (1865) e *O baluarte* (1941), de José de Alencar (1829-1877) e Altamirando Requião (1893-1989), respectivamente, que fornecem aos seus leitores tramas repletas de desafios e combates, elementos considerados suficientes para compor uma história fictícia e romanesca, mas que também apresentam dados e personagens históricos. A junção de tais elementos conseguem prender a atenção dos leitores, garantindo-os uma leitura bastante particular da história do nosso país, partindo da perspectiva e estudo de cada um dos romancistas. Por isso, Alencar e Requião, ao compor romances históricos firmaram um compromisso direto com a história do país.

No tocante literatura alencarina, temos Marcelo Pellogio (2003) ao afirmar que na “literatura de ficção de José de Alencar, há uma obra que, se não é a mais importante, pode ser considerada fundamental, nessas condições, para o real entendimento de outras de mesmo teor [...]” (PELLOGIO, 2003). Ele está se referindo ao romance histórico **As minas de prata**, que considera o melhor da ficção alencarina, pois nos apresenta uma “estrutura narrativa coesa; e [uma] trama habilmente conduzida” (PELLOGIO, 2003, grifo nosso).

Anos depois entra e contexto o modernista Altamirando Requião, que compôs o que foi chamado de *Crônicas do século XVII*, composta pelos romances históricos *O baluarte*, *Dom Marcos* (1976), *O bravo capitão* (1984) e *O grande fracasso* (1984). Os três primeiros buscaram retratar a primeira invasão holandesa sofrida pela colônia, e o último retrata a invasão ao estado de Pernambuco, também pelas tropas holandesas, expulsas do Nordeste brasileiro posteriormente. Decidiu amadurecer esta ideia pois, segundo seus estudos, José de Alencar apresentou equívocos em *As minas de prata*, quanto à veracidade de algumas informações históricas.

Segundo Cristiane Melo (2012), em *O baluarte* Requião “justifica seu projeto a partir da ideia de que o romance histórico deve preservar as ideologias históricas e ficcionais em sua escritura” (MELO, 2012, p. 5). Desta maneira o autor tinha como intenção reconstruir as memórias do século XVII no Brasil, mais precisamente durante a primeira invasão holandesa na colônia. Para tanto, fez uso de textos da historiografia

tradicional, pois alegava que deveria ser fiel à história e aos seus leitores, mas sem negar que fez uso de fantasias para compor as partes ficcionais e tornar o romance mais interessante.

Em *As minas de prata* encontramos o retrato do Brasil colônia no ano de 1609, quando estava sob o comando de Felipe II (dominação espanhola). Nesse contexto, toda a trama se dá a partir do roteiro das lendárias minas de prata, que chega às mãos de Estácio Correia, protagonista do romance, que se vê indeciso quanto ao que fazer com este poder. No decorrer das páginas percebemos que muitas pessoas acreditavam na existência das minas, e que muito desejavam o tal roteiro, como portugueses, holandeses, espanhóis, brasileiros e da Companhia de Jesus. A exemplo do Pe. Gusmão de Molina, visto como o lado ruim da história, e que não media esforços para conseguir tudo que queria. Assim, Estácio Correia vive aventuras e perigos para provar a inocência de seu pai (que havia morrido com a fama de inventar as minas de prata) e conseguir se casar com Inês Aguiar, menina de boa família e personificação da mulher romântica. Para tanto, conta com a ajuda de amigos para enfrentar todas as adversidades.

Já o romance histórico *O baluarte* retrata o Brasil colônia no final de 1623 e início de 1624, ano que sofreu a primeira invasão holandesa. Neste contexto, o governador da época, Diogo de Mendonça, com a ajuda de seu filho, Antônio de Mendonça, e muitos aliados, não medem esforços para preparar a colônia mediante a invasão, que era certa. Para tanto, prepara cada entrada do território para impedir a penetração dos inimigos e reúne homens dispostos a lutar contra os estrangeiros. Mas, apesar de tudo, os holandeses os superaram em número, armas e experiência, acarretando na dominação da colônia e morte de inúmeros homens.

No século XVII a Bahia, por sediar a primeira cidade com sede administrativa, era considerada “o centro da ação colonialista portuguesa”, e seu longo passado histórico faz com que Salvador, hoje, seja “um acervo cultural e um patrimônio urbanístico e arquitetônico ricos”. (MELO, 2014, p. 75). Então, as estratégias usadas pelos romancistas para dar ares verídicos às narrativas foi usar de elementos que caracterizavam a memória individual e/ou coletiva, e cultural daquela cidade.

Para tanto, desenham o perfil de Salvador, que participa dos romances de forma intensa, como um personagem indispensável à narrativa e ao desenrolar dos

acontecimentos. O que se percebe é que Alencar e Requião fizeram uma pesquisa bastante minuciosa quanto a arquitetura e história da cidade de Salvador, fazendo com que os leitores de seus romances se vejam como parte integrante da trama. Desta maneira, notamos que os literatos precisaram dominar conhecimentos de áreas como antropologia, arquitetura e geografia, não se restringindo à literatura.

A primeira representação cultural que podemos encontrar nos romances *As minas de prata* e *O baluarte* são as ideias dos fortes e baluartes que serviam como uma forma de marcar o espaço urbano, separando-o do campo, e de defender as convicções e feições urbanas, conforme Melo afirma. Além disso, os muros eram a primeira forma de defesa contra invasões holandesas, e usados para demarcação territorial. E ao redor desses limites urbanos virgens florestas que ainda rodeavam a cidade eram descritas, proposta bastante comuns nas obras alencarianas, como forma de valorização.

Outra representação cultural que podemos encontrar é referente ao Terreiro de Jesus, à Igreja da Sé e ao Colégio dos Jesuítas, locais onde muitos acontecimentos de ambos os romances se dão. Em *As minas de prata* temos a descrição da arquitetura do terreiro e da igreja, construções próximas ao Colégio dos Jesuítas. No *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* (1971), de Gabriel Soares de Souza (), base para a composição dos romances históricos trabalhados. Nele, encontramos uma descrição do caminho a percorrer ao sair da Igreja da Sé (situada em frente ao mar da Bahia) e seguir rumo ao norte, se aproximando do terreiro, cercado por casas nobres e onde se davam as cavalhadas. Já em *O baluarte*, encontramos a representação do Colégio dos Jesuítas, como informações e características históricas e estruturais.

A Igreja dos Jesuítas é outra representação cultural que encontramos em *O baluarte* uma vasta descrição de sua longa história, entre mudanças estruturais e acontecimentos que presidiu, em seus quase quatrocentos anos de edificação. Requião nos diz que após a conclusão de sua construção, em 1572, foi considerada Catedral e posteriormente Basílica, já no século XX. Na época da composição do romance, ainda segundo o autor, a arquitetura não apresentava mudanças significativas quando comparada à original. Partindo desses pressupostos, no decorrer das páginas Requião descreve minuciosamente cada detalhe da Igreja dos Jesuítas, como suas Capelas, seus salões, a sacristia, as características de cada corredor, os símbolos presentes em cada parede. Ou seja, tudo que compunha aquele imponente patrimônio histórico.

José de Alencar e Altamirando Requião também fazem descrições da Capela Nossa Senhora d'Ajuda, mas de forma simples e rápidas, se pensadas a partir de seu grau de importância nos romances.

Outra representação muito importante presente em *As minas de prata* é quanto aos festejos e divertimentos do século XVII. Neste caso, o dia de festa, logo pela manhã, começava com uma missa cantada, que reunia praticamente toda a cidade, já que a religião era a cristã, além de vários políticos e influentes da época comparecerem. Pela tarde, os moradores da colônia se deslocavam para o Terreiro de Jesus para assistir e apreciar as disputas, corridas e cavaleiros (no caso das donzelas). Bem como esta representação, podemos encontrar questões quanto ao vestuário da época. Ainda em *As minas de prata*, temos a contribuição de José de Alencar ao descrever as vestes de Estácio Correia e Cristóvão de Ávila (seu amigo). O primeiro é a personificação da posição marginalizada, por se vestir de forma simples; já o segundo, com suas vestes de aristocrata, representa a população rica da colônia.

As leis da época também é outro ponto que representa a cultura da época. No caso de *O baluarte*, vemos que no período retratado, a repressão aos delitos era bastante rigorosa, proposta que perdurou por muito tempo. Por mais importante que fosse a pessoa, a sua linhagem de nada valia para salvar da condenação. Havia apenas uma exceção, no caso de interferência do Governador a favor do ou dos acusados. Por fim, temos a proposta de Melo em sua dissertação, a aparição de Antônio Vieira, ainda jovem, mesmo que rápida. Segundo ela, o rapaz tem pouca importância para o desenrolar da história, mas sua inserção reafirma o propósito de Altamirando Requião em preservar a memória cultural da Bahia, já que Pe. Antônio Vieira é um importante exemplo da memória cultural do nosso país.

2. Considerações Finais

Em obras tão multifacetadas como *As minas de prata* e *O baluarte*, José de Alencar e Altamirando Requião conseguem explorar elementos históricos, ao mesmo tempo que desafiam a veracidade ao propor um enredo fictício. Tal proposta é denominada verossimilhança. Assim sendo, os escritos não apresentam obrigação de ser totalmente fiéis a dados verdadeiros.

No decorrer das páginas os romancistas fazem com que seus leitores percorram a cidade de Salvador nas épocas retratadas, já que nos descrevem memórias coletivas como a arquitetura, monumentos e costumes do contexto em questão. Em outras palavras, temos a representação da fisionomia da cidade, nos fazendo viajar no tempo (ora no século XVII, ora no século XIX ou XX), e nos tornando personagem dos romances, ao nos ajudar a entrar na história percorrendo todos aqueles lugares.

3. Referências Bibliográficas

SITES

PELOGGIO, Marcelo. **José de Alencar**: um historiador à sua maneira. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2004000100007#nt37>. Acessado em: 15/08/2015.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. 1938. Disponível em: <<http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/me003015.pdf>>. Acessado em: 07/05/2016.

LIVROS

ALENCAR, José de. **As minas de prata**. São Paulo, SP: Instituto de divulgação cultural, 19-.

_____, José de. **Sonhos d'ouro**. São Paulo: Ática, 1981.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG: Brasília: Unesco, 2003.

MELO, Cristiane Tavares Santos. **A produção literária de Altamirando Requião**: A Bahia do século XVII em *O baluarte*. Mestrado (Dissertação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2013.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Edinage Maria Carneiro da. **Ilustres senhoras de romances**: As leitoras de José de Alencar. – Feira de Santana UEFS Editora, 2016.

VEIGA, Cláudio. **Atravessando o século**: A vida e obra de Altamirando Requião. Ed. Rio de Janeiro: Record; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1993.